

Sábado da Herança - 22 de junho de 1985

Orientação Especial para as Assembléias da Associação Geral

Arthur L. White

Sermão do dia do Espírito de Profecia

“Mas o Senhor por meio dum profeta fez subir a Israel do Egito e por um profeta foi ele guardado” (Oséias 12:13).

Todo aquele que estuda a Bíblia está familiarizado com a história do Êxodo. Os eventos envolvidos nessa experiência são: os repetidos encontros entre Moisés e Faraó, as dez pragas sobre o Egito, o êxodo do povo de Deus à meia-noite, o miraculoso livramento no Mar Vermelho, a cobertura protetora de nuvem e de fogo, o suprimento sobrenatural do maná, e o jorro abundante de água da rocha.

Moisés foi o profeta pelo qual Deus guiou Israel do Egito para a terra prometida. Com educação superior tanto nas artes militares como nas civis, ele foi ao mesmo tempo totalmente dedicado a Deus, e considerado o mais humilde dos homens (Números 12:3). Foi uma figura tão poderosa que freqüentemente o povo tende a esquecer que ele não foi o iniciador do movimento do Êxodo, mas apenas o instrumento humano que Deus chamou, preparou, e susteve na grande tarefa de guiar Seu povo do Egito até Canaã.

Quando Deus chamou a Moisés disse: Certamente vi a aflição do meu povo, ...por isso desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios...” (Êxodo 3:7, 8). Deus foi o verdadeiro líder de Israel. Esse fato foi muitas vezes enfatizado pelos escritores inspirados por Deus que escreveram os livros da Bíblia.

O salmista Davi declarou: “O Teu povo, Tu o conduziste, como rebanho pelas mãos de Moisés e de Arão” (Salmos 77:20). O profeta da esperança, Isaías, parecia ver Deus como o verdadeiro guia de Seu povo. Revendo a experiência do Êxodo, ele perguntou: “Onde está aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés? Que fendeu as águas diante deles, criando para si um nome eterno? ...assim guiaste o teu povo” (Isaías 63:11, 12 e 14). Deus guiou os filhos de Israel; eles eram Seu povo; mas Ele usou Moisés como Seu agente humano para revelar Sua vontade ao povo e ajudá-los a enfrentar seus desafios e resolver seus problemas.

Através do século passado, estudantes adventistas da história sagrada fizeram comparações entre o movimento do Êxodo e o movimento Adventista. Eles observaram que ambos os movimentos tinham como destino Canaã. O antigo Israel, a Canaã terrestre e o Israel moderno, a Canaã Celeste. O antigo Israel poderia ter entrado em Canaã muito antes do que eles o fizeram. O Israel moderno também poderia ter completado sua tarefa há muitas décadas atrás, e entrado na Canaã Celestial. Deus, em Seu amor e misericórdia, suscitou um profeta: Moisés, para guiar Seu povo antigamente; e nos tempos modernos Ele usou Ellen G. White. Sem o profeta Moisés o movimento do Êxodo teria sido muito diferente; sem a liderança e influência de Ellen G. White, o movimento do Advento não seria o que ele é hoje.

Há mais de 100 anos atrás, George I. Butler, naquele tempo presidente da Associação Geral, declarou sobre os conselhos do Espírito de Profecia:

“Eles têm sido sempre mantidos em alta estima pelos mais zelosos e humildes dentre nosso povo. Eles têm exercido uma influência condutora entre nós desde o início. Eles têm primeiramente chamado atenção para todo movimento importante que temos feito, com antecipação. Nossa obra de publicações, o movimento de saúde e temperança, o colégio, e o processo da educação superior, a empresa missionária, e muitos outros pontos importantes, devem sua eficiência, em grande parte, à Sua influência”.

Temos descoberto em grandes, variadas e em algumas tristes experiências, o valor de seus conselhos. Quando nós os seguimos, temos prosperado; quando os negligenciamos, temos sofrido grandes perdas” (*Review and Herald supplement*, 24 de agosto de 1883, p. 12).

Seria interessante e proveitoso rever os muitos benefícios que Deus concedeu ao movimento do advento através do ministério de Sua mensageira especial aos remanescentes, mas como a Assembléia da Associação realizar-se-á em breve em New Orleans, parece apropriado para nós focalizarmos somente um aspecto do trabalho de Ellen White. A orientação especial para as assembléias da Associação Geral.

A Primeira “Associação Geral”

Quinze anos antes da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia ser organizada, em maio de 1863, o primeiro encontro geral dos adventistas guardadores do sábado foi realizado num aposento inacabado do lar de Albert Belden, em Rocky Hill, Connecticut. Isso foi em abril de 1849, quando vários dias foram dedicados ao estudo de pontos doutrinários em harmonia como as Escrituras. Ellen White estava lá. Tinha 20 anos de idade. Durante aproximadamente três anos ela estivera recebendo visões para guiar e guardar a igreja florescente. Havia cerca de cinquenta pessoas.

Como o número de crentes crescera, o Senhor chamou sua atenção para a “ordem evangélica”. Em 1853 ela escreveu:

“O Senhor tem mostrado que a ordem evangélica tem sido demasiadamente tímida e negligenciada... Existe ordem no céu. Havia ordem na igreja quando Cristo estava na terra, e depois de Sua partida, a ordem era estritamente observada entre Seus discípulos. E agora, nestes últimos dias, quando Deus está trazendo Seus filhos à unidade de fé, há mais necessidade real de ordem do que nunca, porque assim como Deus une Seus filhos, Satanás e seus anjos maus estão muito ocupados em impedir essa unidade e destruí-la” (*EW*, p. 97).

Com essas palavras a encorajá-los e incentivá-los, os líderes da proclamação da terceira mensagem angélica estavam, no início da década de 1860, preparados para formar com os adventistas guardadores do sábado um corpo bem organizado de crentes que escolheram o nome de Adventistas do Sétimo Dia. Sua primeira assembléia oficial da Associação Geral foi realizada em maio de 1863.

Desde o início o reconhecimento de que o Deus do céu os estava guiando e ensinando através do Espírito de Profecia trouxe estabilidade e confiança. As mensagens de encorajamento, conselho, e

cautela eram sempre eficazes. Muitas vezes estes eram apresentados aos crentes em suas reuniões gerais, mesmo antes da organização ser efetivada. Casos inumeráveis podem ser citados, mas no curto tempo que temos hoje, podemos salientar somente alguns poucos. Começamos com a associação de crentes chamada em 1855 para se reunir em Battle Creek, Michigan, numa sexta-feira, 16 de novembro.

Horário para Começar o Sábado

O sábado de manhã foi dedicado ao estudo do horário de começar o sábado. Estava claro pelas Escrituras de que o sábado começava à “tarde”. Mas o que marcava o começo da tarde? Conhecemos os problemas de fusos horários nas diferentes partes do mundo, Joseph Bates defendeu o “tempo equatorial”, que colocaria a “tarde” às 18:00h para o ano todo.

Para aqueles que começavam a guardar o sábado, isso parecia razoável, e a maioria dos Adventistas aceitou isso. Mas havia ainda alguma preocupação sobre o assunto, por isso o sábado de manhã na associação foi dedicado ao estudo da Bíblia para essa questão. Neemias 13:19, levíticos 23:32, Marcos 1:32, e outros textos revelaram que a tarde do sábado era “pôr-do-sol”. Com exceção de dois que estavam convencidos eram Joseph Bates, que havia levado os crentes à guarda do sábado, e Ellen White, que achou que se eles estavam guardando o sábado das dezoito às dezoito horas por aproximadamente nove anos, aparentemente com a aprovação de Deus, por que eles precisavam mudar agora?

Sobre esse ponto crítico Ellen White recebeu uma visão na qual lhe foi mostrado que a hora do pôr-do-sol estava correta. O anjo disse-lhe: “Pegue a Palavra de Deus, leia-a, entenda-a e não poderá errar. Leia-a cuidadosamente, e encontrará lá o que é mesmo e quando é” (I T. 116).

Desde aquele momento até o presente não tem havido dúvida quanto a este ponto doutrinário. Os Adventistas do Sétimo Dia têm observado firmemente o sábado a partir do pôr-do-sol.

Apelo para o Estabelecimento de uma Instituição de Saúde

Na noite de natal de 1865, Ellen White teve uma visão na qual havia um apelo para nós como povo, de estabelecer uma instituição de saúde. Devido à doença de James White, ela não teve oportunidade de chamar a atenção da igreja sobre o assunto, antes da manhã de sábado na Assembléia da Associação Geral de 1866. Ela havia escrito o que Deus lhe revelara em uma visão no dia 25 de dezembro, e como falava aos delegados e outros naquela manhã de sábado, ela lia de um manuscrito que segurava em suas mãos. Primeiramente havia uma leve reprovação pela demora dos crentes em aceitar a luz da reforma da saúde como deveriam. Então declarou ela:

A reforma da saúde, foi-me mostrada, é uma parte da terceira mensagem angélica e está tão intimamente ligada a ela como o braço e a mão estão com o corpo humano. Eu vi que nós como um povo devemos fazer um avanço nessa grande obra... (I T. , p. 486).

Enquanto seu auditório ouvia a reprovação e o conselho, ela fez uma declaração que surpreendeu os delegados:

“Nosso povo devia ter uma instituição própria, sob seu controle, para o benefício dos doentes e sofredores dentre nós, que desejam ter saúde e força para que possam glorificar a Deus em seus corpos e espíritos que são dEle” (*Ibidem*, p. 492).

“Foi-me mostrado que deveríamos prover um lar para os aflitos e para aqueles que desejam aprender como cuidar de seus corpos para poderem evitar doenças”(*Ibidem*, p. 489).

Com uma mui pequena congregação de 4.000 membros, sendo a maioria com recursos limitados, como isso poderia ser feito? Com fé em seu coração e um espírito de sacrifício, a obra foi empreendida. Dentro de quatro meses uma florescente pequena instituição médica estava em funcionamento, o início das 167 que agora existe ao redor do mundo.

Mantendo a Linha na Organização da Igreja

Ao se aproximar o tempo para a Assembléia da Associação Geral de 1893 a ser realizada em Battle Creek, circularam propostas que teriam resultado em uma grande centralização de poder na organização de nossa igreja. Essas propostas vieram à atenção de Ellen White na Austrália, e a levou a enviar mensagens de precaução à Associação. Esses conselhos foram recebidos de coração pelos delegados, resultando no abandono daquelas propostas questionáveis. Dirigindo-se à Associação por carta, Ellen White escreveu mais energicamente:

Há quase quarenta anos que a organização foi introduzida entre nós como um povo. Eu fui uma dos que tiveram a experiência de seu estabelecimento desde o princípio. Sei das dificuldades que a organização teve que enfrentar, os males que deveriam ser corrigidos, e que vi sua influência ligada ao crescimento da causa. No estágio inicial da obra, Deus deu uma luz especial sobre esse ponto, e esta luz, junto com as lições que a experiência nos ensinou, deveria ser cuidadosamente considerada.

Desde o princípio nosso trabalho foi agressivo. Nossos membros eram poucos e a maioria de classe mais pobre. Nossos pontos de vista eram quase desconhecidos para o mundo. Não tínhamos casas de culto, senão poucas publicações e instalações limitadas para levar avante a obra. O rebanho estava espalhado pelas estradas e caminhos, e cidades em vilas e florestas. Os mandamentos de Deus e a fé em Jesus eram a nossa mensagem. (Carta 32, 1892).

Ela então escreveu sobre o início de várias empresas que foram criadas dentro da igreja, a obra educacional, e o estabelecimento das instituições de saúde, “ambas para a saúde e instrução de nosso povo e como um meio de bênção e iluminação a outros, e ela perguntou:

Qual é o segredo da nossa prosperidade? Nós temos andado sob as ordens do Capitão de nossa Salvação. Deus tem abençoado a união de nossos esforços. A verdade tem-se espalhado e vicejado. Instituições multiplicaram-se. A semente da mostarda se transformou em uma grande árvore. O sistema da organização provou-se um sucesso” (*Ibidem*).

Alguns meses mais tarde, mencionando um obreiro proeminente que tinha proposto mudanças na estrutura organizacional, Ellen White escreveu:

O irmão W. tem alimentado idéias, e sem esperar para trazes suas idéias diante do concílio da irmandade, tem agitado teorias estranhas. Ele tem levado para alguns do povo idéias referentes à organização que nunca deveriam ser expressas.

Suponho que a questão da organização foi estabelecida sempre para aqueles que crêem nos testemunhos dados através da irmã White. Agora, se eles crêem nos testemunhos, por que trabalham contra eles?...

Por que é que essas coisas surgem agora quando já investigamos o assunto em nossa história prévia, e Deus já falou sobre essa matéria? Isso não foi suficiente? Por que não manter-nos firmes na obra seguindo a linha que Deus nos deu? Por que não andarmos na clara luz que Ele nos revelou em lugar de fazer em pedaços aquilo que Deus construiu? (*Carta 37, 1894*).

Todas as idéias de centralizar a obra da igreja em nome da eficiência foram abandonadas.

Apelo para a Reorganização em 1901

Uma experiência dramática ocorreu em 1901, quando a mensagem de Ellen White aos delegados da Assembléia da Associação Geral foi seguida de uma resposta imediata. A Assembléia foi realizada no Tabernáculo, em Battle Creek, Michigan.

Estava muito claro para os líderes da igreja que o crescimento rápido da obra estava além das habilidades dos poucos homens que serviam como oficiais da Associação Geral. Enquanto isso era observado, em 1897, os delegados que assistiam a Assembléia no College View, Nebraska, não viam como não poderiam concordar com isso. Havia um forte sentimento entre os obreiros de que a próxima Assembléia de 1901 em Battle Creek seria palco de surpreendentes mudanças. Ellen White, com a compreensão que as visões lhe deram, viajara para Battle Creek com certa timidez, sabendo que esta seria uma reunião crucial – sabendo que algumas coisas deviam mudar. Na terça-feira de manhã, 2 de abril, G. A. Irwin, presidente da Associação Geral, deu as boas vindas aos delegados e à assembléia, apresentou um breve relatório e então abriu a sessão para os trabalhos, declarando:

“Nosso tempo é solene, e esta é uma ocasião solene. A sabedoria de nenhum agente humano é suficiente para planejar e imaginar quais as necessidades a serem atendidas” (GCB 1901, p. 23).

Ao declarar aberta a sessão para os trabalhos, ele perguntou: “Em que posso servi-los?”

Ellen White, no auditório, levantou-se, foi para frente, subiu os degraus da plataforma e foi-lhe dada a oportunidade de falar. Após dirigir-se aos delegados por alguns minutos sobre seus privilégios e responsabilidades, ela salientou que a obra da igreja estava sendo limitada porque poucos homens estavam tentando assumir responsabilidade em demasia. Com grande ênfase ela exclamou:

“O que nós queremos agora é uma reorganização. Queremos começar da base, e construir sobre um princípio diferente... Deverá haver mais que um ou dois ou três homens para considerar todo o vasto campo. O trabalho é grande e não há nenhuma mente humana capaz de planejar a obra que precisa ser feita...”.

De acordo com a luz que me tem sido dada – e exatamente como isso deve ser cumprido eu não posso dizer – maior força deve ser trazida para a força administradora da associação” (GCB 1901, pp. 24-26; 5 Biog. p. 80).

Então, durante uma hora Ellen White salientou os problemas e apelou para uma mudança. Quando ela se sentou, o Presidente Irwin fez alguns comentários e concedeu a palavra a outros. Arthur G. Daniells, que nos 13 anos anteriores havia trabalhado na Nova Zelândia e Austrália, perguntou do auditório. Em suas considerações ele declarou:

“Nós todos achamos que nossa única segurança está na obediência, em seguir nosso grande Líder. Sentimos que deveríamos começar desde o princípio deste trabalho nesta reunião, e exatamente assim que nós soubermos como, construir sobre Seu fundamento (GCB 1901, p. 27)”.

Durante vinte e um dias, foi elaborado um plano para a reorganização da obra da igreja através da criação de associações uniões, que se ligariam às associações locais de uma região, numa unidade ficando entre a associação local e a Associação Geral. Os departamentos da Associação Geral foram criados para desenvolver muitas das linhas do trabalho da igreja.

A Comissão da Associação Geral foi aumentada de 13 para 25. Tais medidas, dentro de poucos anos, trouxeram 500 homens e mulheres a posições de responsabilidade anteriormente levadas avante pela Comissão de 13 da Associação Geral. Isso fortaleceu grandemente a obra e abriu o caminho para o avanço mundial.

O Fanatismo da Carne Santa

Os eventos ligados à Assembléia da Associação Geral de 1901 tornaram claro que Deus estava guiando Seu povo não somente por conselhos que Ele enviou através de Sua mensageira durante as três semanas daquela Assembléia da Associação, mas também esteve guardando a igreja contra a invasão de um fanatismo descrito como o Movimento da Carne Santa.

Durante os anos de 1899 e 1900 o presidente da Associação Indiana e alguns dos ministros estavam defendendo a doutrina da “carne santa”. Eles ensinavam que aqueles que seguissem Cristo na experiência do Getsêmani conseguiriam essa “carne santa”.

Tendo carne santa eles seriam livres de toda tendência para pecar e não experimentariam a corrupção; assim nunca morreriam, e viveriam para ver Jesus voltar. Essa fé proclamada, era similar àquela que levou Enoque e Elias à transladação.

Na tentativa de conseguir essa exaltada experiência, o povo promovia reuniões onde havia longas orações, música em alto volume, e pregação histérica. Tambores, tamborins, e outros instrumentos eram usados com grande efeito. Quando um de seus membros caísse prostrado no chão ele seria carregado para a plataforma, onde uma dúzia ou mais pessoas reuniam-se e gritavam: “Glória a Deus!” Outros oravam ou cantavam. Quando essa pessoa recobrava a consciência, era declarado que havia passado pela experiência do Jardim – ela agora tinha carne santa, tinha fé de transladação.

À guisa de um grande reavivamento e expansão da chuva serôdia, o movimento tomou conta da Associação Indiana com seu evangelista e seu presidente, R. S. Donnell, liderando. Visitando ministros de larga experiência que testemunharam a pregação e as demonstrações, relatavam que realmente havia um poder por trás disso. O movimento estava em seu apogeu quando os líderes que o defendiam foram a Battle Creek para a Assembléia da Associação Geral em abril de 1901.

Ellen White tinha vindo a Battle Creek com pleno conhecimento do que iria acontecer em Indiana, tanto por cartas que ela havia recebido como das visões que Deus lhe dera. Sabia que para salvar a igreja ela devia enfrentar esse ensino estranho. Escolheu então fazê-lo na reunião de obreiros às 5:30 da manhã de quarta-feira, 17 de abril. Contou ao auditório que uma das razões porque ela viera tão repentina e rapidamente da Austrália para os Estados Unidos fora para tratar desse fanatismo. A situação que se lhe deparava naquela manhã tinha-lhe sido revelada na Austrália em janeiro de 1900. “Se isso não tivesse sido apresentado a mim, eu não estaria aqui hoje, mas estou aqui em obediência à palavra do Senhor” (GCB 1901, p. 426).

Em linguagem clara e corajosa ela expôs a situação:

Foi-me dada instrução relativa à última experiência dos irmãos de Indiana e o ensino que deram às igrejas. Mediante esse movimento e ensino o inimigo tem estado operando para desencaminhar almas.

O ensino dado com relação ao que é denominado “carne santa” é um erro. Todos podem obter agora corações puros, mas não é correto pretender nesta vida possuir carne santa. O apóstolo Paulo declara: “Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum” (Romanos 7:18).

Aos que têm procurado tão afanosamente obter pela fé a chamada carne santa, quero dizer: Não a podeis ter. Nem uma alma dentre vós tem agora carne santa. Ser humano algum na Terra tem carne santa. É uma impossibilidade. Se aqueles que falam tão francamente de perfeição na carne pudessem ver as coisas sob seu verdadeiro aspecto, recolher-se-iam com horror de suas idéias presunçosas” (*Mensagens Escolhidas*, vol 2, pp. 31, 32).

Ellen White tinha mais para dizer como advertência, muito mais. Foi com faces solenes que os ministros saíram da reunião naquela manhã. Eles pouco sabiam do que estava reservado para eles na reunião de obreiros no dia seguinte. Logo após a abertura da reunião, R. S. Donnell, presidente da Associação Indiana, levantou-se e perguntou se ele podia fazer uma declaração. Com palavras medidas ele derramou uma confissão sincera, em cujo trecho ele disse:

“Sinto-me indigno de estar em pé perante esta grande assembléia de meus irmãos nesta manhã... Quando eu encontrei este povo, fiquei mais que satisfeito em saber que havia um profeta no meio dele e desde o princípio tenho sido um crente firme e um ardente defensor dos Testemunhos e do Espírito de Profecia. Foi-me sugerido há tempos atrás, que a prova sobre esse ponto de fé vem quando o testemunho chega diretamente a nós”.

Como quase todos vocês sabem, no testemunho de ontem de manhã a prova veio a mim. Porém, irmãos, eu posso agradecer a Deus nesta manhã porque a minha fé no Espírito de Profecia permanece inabalável. Deus falou. Ele disse que eu estava errado, e eu respondo que Deus está certo e eu estou errado. Eu sinto muito, muitíssimo pelo que eu fiz que poderia arruinar a causa de Deus e levar qualquer um ao caminho do erro” (GCB 1901, p. 422).

O Perigo do Fanatismo Foi Vencido

Na cerimônia de encerramento da Assembléia de 1901, Ellen White falou por algum tempo da mudança muito favorável das coisas que ocorreram na Assembléia e então perguntou:

“Quem vocês supõe tem estado entre nós desde que a Associação começou? Quem tem afastado as questões objetáveis que geralmente aparecem em uma reunião como essa? Quem tem andado para lá e para cá nos corredores deste Tabernáculo?”

Então, sob a autoridade da visão que lhe foi dada ela respondeu:

“O Deus do céu e Seus anjos. E eles não vieram aqui para fazer vocês em pedaços, mas para dar-lhes espírito justo e pacífico. Eles tem estado entre nós para fazer as obras de Deus, e afastar os poderes das trevas, aquele trabalho que Deus designou para ser feito, não deveria ser impedido. Os anjos de Deus tem trabalhado entre nós...”

Nós temos procurado organizar a obra na linha certa. O Senhor enviou Seus anjos para ministrar diante de nós que somos herdeiros da salvação, dizendo-nos como levar a obra avante” (*Ibidem*, pp. 463, 464).

1901, A Última Assembléia da Associação Geral de Ellen White

A Assembléia da Associação Geral de 1901, realizada em Washington, D.C. foi a última que Ellen White assistiu, e isso quando ela estava com 81 anos. A Assembléia foi realizada numa “grande tenda” no terreno do Washington Missionary College (agora Columbia Union College). Nessa tenda ela falou onze vezes, inclusive três dos quatros cultos de sábado de manhã. Talvez seu mais memorável comentário foi aquele feito após seu último sermão.

Ela havia terminado sua mensagem à Associação e ficado atrás de sua cadeira no lugar onde ficavam os oradores, quando, como se repentinamente se lembrasse de algo, ela se encaminhou para o pódio, abriu sua Bíblia, e segurando-a com as mãos estendidas, declarou: “Irmãos e irmãs, eu lhes recomendo este Livro” (6 *Biog.* P. 197). Essas foram suas últimas palavras em sua última aparição na Assembléia da Associação Geral, a 37ª às quais ela havia assistido todas, com exceção de oito.

A última Assembléia da Associação Geral realizada durante seu tempo de vida foi a do ano de 1913 em Washington, D.C. Ela se sentiu fraca demais para tentar a longa viagem pelo continente, mas enviou mensagens encorajadoras aos representantes da igreja que ela amava e prezava.

As duas mensagens para a Associação, lidas, eram de admoestação e cautela. Ela assegurara aos delegados, expressando sua confiança:

“Alegro-me meus irmãos, porque em tudo posso confiar em vós” (II Coríntios 7:16). “E conquanto eu ainda sinta a mais profunda ansiedade sobre a atitude daqueles que estão tomando importantes medidas ligadas ao desenvolvimento da causa de Deus na Terra, também tenho grande fé nos obreiros através do campo, e creio que se eles se unirem e humilharem-se diante do Senhor e se consagrarem de novo ao Seu serviço, serão capacitados a fazer a Sua vontade” (GCB 1913, p. 34).

A segunda mensagem de sua pena dirigida à Assembléia, lida para os delegados pelo presidente da Associação Geral em 27 de maio, foi não menos otimista e constava desta positiva expressão de confiança:

“Quando à noite eu não consigo conciliar o sono, levanto meu coração em prece a Deus, e Ele me fortalece e me dá a certeza de que Ele está com Seus servos do ministério no campo nacional e nas

terras distantes. Sinto-me encorajada e abençoada ao perceber que o Deus de Israel ainda está guiando o Seu povo, e que continuará com ele, até o fim” (*Ibidem*, p. 164).

“Mas o Senhor por meio dum profeta fez subir a Israel do Egito e por um profeta foi ele guardado.” Graças a Deus pela liderança e conselhos de Seus Profetas!”